

Confabulação Econômica

As reuniões de políticos eram geralmente consideradas subversivas pelos tecnocratas que comandavam os tempos do milagre brasileiro. Nos dias democráticos de hoje, nada mais subversivo para a estabilização econômica do que uma reunião de economistas. A inflação de palpites disparatados desestabiliza qualquer plano para a economia brasileira.

O almoço dos deputados-economistas no Clube das Nações, em Brasília, foi o máximo em matéria subversiva. O leque de economistas não poderia ser mais eclético: ia dos conservadores Delfim Netto e Roberto Campos, do PDS (alinhados pelo uso de suspensórios), ao petista Aloísio Mercadante, passando pelos liberais Francisco Dornelles (PFL) e João Melão (PL), os social-democratas José Serra (PSDB) e César Maia (PMDB), e o socialista singelo Sérgio Gaudenzi, do PDT baiano.

Em comum, a convicção de que o fim do presidencialismo é uma necessidade urgente. É de se lembrar que Delfim Netto e Roberto Campos exerceram o comando da economia, com o grande poder que lhes foi conferido pelo regime militar, alijando o Congresso em matéria financeira e tributária, até que a prerrogativa fosse recuperada na Constituição de 1988. Os deputados Serra (PSDB), Mercadante e César Maia (então no PDT) foram os principais conselheiros econômicos dos candidatos de seus partidos, derrotados nas eleições presidenciais de 1989.

Mudar de opinião é direito de qualquer cidadão. O mais estranho da reunião, contudo, foram os palpi-

tes sobre os índices de inflação no primeiro mês do novo ministro da Economia. César Maia previu algo em torno de 20%; Delfim Netto — que sabe, por experiência própria, dos efeitos das previsões dos economistas sobre o ânimo remarcatório empresarial — não ficou por menos de 30%, justificando o número pela existência de “várias armadilhas” deixadas pela ministra Zélia Cardoso de Mello (que saiu do governo comemorando uma inflação de 7%) ao seu sucessor, Marcílio Marques Moreira.

Em matéria de armadilhas, o deputado Delfim Netto é *expert*. Ao apagar das luzes do governo Médici, em março de 1974, deixou várias armadilhas para o seu sucessor na pasta da Fazenda do governo Geisel, Mário Henrique Simonsen. A mais notória foram os índices de inflação reprimidos. Em vez de 13,7%, divulgados como a inflação oficial de 1973, ela teria ficado em 27%, segundo os dados da Fundação Getúlio Vargas exibidos em 1974 pelo embaixador Roberto Campos.

Foi exatamente em cima dessa defasagem que o então presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Luís Inácio Lula da Silva, lançou o movimento dos trabalhadores pela reposição das perdas salariais, que deu no PT e o levou a disputar a presidência da República. Menos mal que os adversários do passado convivam hoje democraticamente. Mas a sociedade brasileira, que tanto sofreu com as experiências dos economistas, dispensa esses palpites.